

Apresentação

O segundo número do volume cinco de GeoTextos chega aos leitores da revista com sete artigos e um ensaio, distribuídos em três seções. Retoma-se com esse número a seção Memória, lançada em 2005 para a publicação e/ou republicação de textos de autores que contribuíram (contribuem) para a construção de uma base epistemológica para a Geografia, no Brasil e no Mundo.

Na seção “Ensaio”, o texto de Maria Encarnação Beltrão Sposito vai alinhar algumas ideias para pensar o futuro da sociedade e das cidades se norteando por duas questões fundamentais: 1. Para que serve a Arquitetura? 2. O que poderia ser uma Arquitetura engajada? Na busca de respostas para estas perguntas, Sposito vai concluir que uma Arquitetura engajada pressupõe também um Urbanismo engajado, não havendo possibilidade de se pensar edificações desvinculadas do ambiente ao qual se integram. Para a autora, “os moradores das favelas vêm insistindo, com alguns poucos sucessos recentes, que não é preciso deslocá-los para a periferia, que não é necessário o Urbanismo da régua e do compasso que aceita apenas o que é ortogonal, mas sim que é preciso aceitar as formas orgânicas”.

Esta discussão tem continuidade no texto seguinte, que abre a seção “Artigos”, de autoria de Tales Lobosco, para quem, “as práticas urbanas encontradas nos assentamentos informais seguem uma lógica particular, um modo característico de pensar e agir”. Lobosco busca em sua análise evidenciar a heterogeneidade e a complexidade do “Espaço-Favela”, entendendo-o como um território “familiar” e apropriado, uma estrutura espacial articulada por práticas urbanas específicas. São também as práticas espaciais dos moradores que vão conferir ao bairro do Benfica uma identidade de “lugar” e nortear a análise de Ilaina Damasceno Pereira no se-

gundo artigo da seção. Seu texto vai evidenciar as práticas de demarcação de territórios simbólicos na cidade de Fortaleza a partir de suas pesquisas em um bairro “tradicional” da cidade. Essas representações dos habitantes dos lugares nas metrópoles contemporâneas são contrapostas por estratégias dos agentes hegemônicos de produção do espaço através de práticas de “empreendedorismo urbano”, como analisado no próximo artigo da seção, de Rosângela Viana Vieira Neri. Em seu texto, Neri vai se debruçar sobre o Projeto Orla em Brasília, buscando explicitar as estratégias de valorização imobiliária da orla do Lago Paranoá na capital federal, chegando à conclusão de que “a relação entre os meios e os fins utilizados pelo empreendedorismo urbano na composição de uma agenda estratégica está no valor de mercado advindo das (re)qualificações do espaço. Ao legitimarem-se determinadas parcerias entre poderes público e privado, evidencia-se a acumulação como fim, em detrimento das necessidades sociais”. São esses processos de reprodução do capital do / no espaço urbano que vão nortear a análise do terciário na atual fase de acumulação capitalista, empreendida por Luiz Cruz Lima e Adriana Marques Rocha. Para Lima e Rocha, “o fenômeno de recrudescimento dos serviços corrobora para a desmistificação do que se coloca como sociedade pós-industrial, pois apesar da representativa diminuição do número de empregos e da estagnação da atividade industrial (...) o poder da produção em nada foi reduzido, pelo contrário, foi otimizado e proporcionou maior impulso e controle da produção pelos serviços, principalmente a partir da década de 1990”. No texto seguinte, o último da seção “Artigos”, Marco Antônio Tomasoni, Josefa Eliane de Siqueira Pinto e Heraldo Peixoto da Silva vão colocar a questão dos recursos hídricos como uma reflexão estratégica no mundo contemporâneo, apontando cenários para a utilização e a disponibilidade destes recursos no contexto brasileiro; os autores vão concluir que, no Brasil, uma “falsa noção de que temos água em abundância mascara a existência de regiões com baixos valores de produção hídrica de superfície como a região Nordeste do país e o fato de ocorrerem períodos de prolongada escassez em regiões mais úmidas”.

Finalmente, a seção Memória apresenta dois artigos, que vão tratar, respectivamente, da gênese da geografia urbana no Brasil, focando na

contribuição dos grupos de pesquisa da Bahia, de autoria de Maria Auxiliadora da Silva, e de questões teórico-metodológicas da geografia urbana histórica, uma contribuição de Pedro de Almeida Vasconcelos, estudioso de destaque desta temática no Brasil.

Com esse número, incorporam-se ao Conselho Editorial da revista os professores Eberhard Rothfuss, da Universidade de Passau, Veronika Deffner, da Universidade de Aachen, e Doralice Satyro Maia, da Universidade Federal da Paraíba.

Boa leitura!

Salvador, 21 de dezembro de 2009

Angelo Serpa
Editor responsável